

Sonetos

I

Com a tua fragrância natural,
Tu, flor, tens contigo o maior poder.
Em teu odor, amantes vêm colher
O instrumento da conquista eternal.

Mas tu não te envolves só com prazer.
Exalas tua essência sem igual,
Encobrendo o mais triste funeral,
Louvando a quem acaba de morrer.

Tu, que aos mortos envolves com teu cheiro,
Por favor, não encantas o ar inteiro
Do velório de um humano em negrume.

Quando estiveres sobre o corpo meu,
Lembra-te de que o iníquo que morreu
Não pode merecer o teu perfume.

II

Minha vida, como um barco sem rumo,
Segue seu curso sem destino certo.
Quando me encontro entregue ao mar aberto,
Limita-me o pecado que consumo.

Meu caminho se apresenta encoberto
Pelas trevas do mal, é o que presumo.
Agora que meu ser perdeu o prumo,
Sinto que de mim a morte está perto.

Minha mente rompe ondas de incertezas,
Às quais minhas dores se encontram presas,
Tornando insuportável a amargura.

Sujeito ao mal que em mim se ensoberbece,
Meu coração, sozinho, permanece
Ancorado no mar da desventura.

III

Exaure-se de meu corpo o vigor!
Foge da minha mente a lucidez!
Percebo vir a mim com rapidez
O monstruoso cavalo incolor.

O cavaleiro revela altivez!
Sinto o corpo tomado de pavor,
Quando o ouço bramir com destemor:
"Vamos! Eis que é chegada a tua vez!"

Tentando controlar meus sentimentos,
Me ponho a meditar por uns momentos,
Me concentro, não me movo e me calo.

O cavaleiro mostra sua essência,
Porque já sabe que eu, sem resistência,
Me deixarei levar em seu cavalo.

Jorge Luiz Mendes Júnior*

* Mestrando em Estudos Literários/UFJF